

DIÁRIO DE BORDO

DE VOLTA AOS CS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

EM DEZEMBRO do ano passado, escrevi um artigo neste mesmo espaço colocando os três principais Cs que definiriam o tamanho da safra de grãos, na época considerada um novo recorde potencial: o **c**lima, o **c**âmbio e a **C**hina.

Os dois últimos Cs não tiveram ainda um impacto negativo sobre a renda rural deste ano, mas o clima fez um estrago considerável.

Realmente, o atraso no plantio de soja – como referido naquela matéria – reduziu a "janela" para o plantio de milho 2ª safra, que equivale a mais de 70% do total da safra anual. Por essa razão, os produtores estenderam o período do plantio de milho até o fim de março. E não deu outra: choveu pouco em março, abril e maio nas regiões produtoras. Com isso, a expectativa de colher 82 milhões de toneladas de milho "safrinha" foi reduzida em cerca de 20 milhões de toneladas, segundo a visão da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (ABRAMILHO).

Trata-se de uma quebra enorme e que terá influência nos preços que já estavam acima da média histórica, com consequência direta sobre o custo das rações, encarecendo a produção de frangos e suínos (também de leite) e criando dificuldades para os produtores rurais, a indústria de carne (que não consegue repassar esse aumento aos consumidores) e os consumidores em si (bem afetados pela redução de poder aquisitivo).

Além disso, a seca atingiu outros três Cs referidos na mesma matéria de dezembro: **c**ana-de-açúcar, **c**afé e **c**ítrus.

A safra de cana-de-açúcar no Sudeste/Centro-Oeste pode ser 10% menor do que a colheita passada, segundo cálculos da respeitada consultoria CANAPLAN – serão menos 60 milhões de toneladas. Por sua vez, o café – que já teria uma produção menor por causa da sua característica bienalidade – foi atingido pela seca e pelo calor forte de setembro/outubro do ano passado e, agora, apresenta uma colheita 15% menor do que a de 2020. Já a laranja – que também sofreu com aquele período – deverá ter uma colheita 10% menor do que a média dos últimos dez anos.

Deu errado com o C do clima. E há, ainda, as pastagens que acabarão secando mais cedo.

Tudo isso é uma pena. Os números da economia do primeiro trimestre deste ano foram muito favoráveis à agropecuária nacional. O Produto Interno Bruto (PIB) do setor cresceu 5,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, sustentando, mais uma vez, o aumento do PIB total do País, que foi de 1,2%. Se a safra recorde se materializasse, permitiria um espetacular crescimento da economia brasileira, especialmente porque a demanda global, alimentada pela tragédia da pandemia, continua aquecida. Exportaríamos grandes volumes de grãos e carnes a bons preços, contribuindo para o maior saldo comercial e melhorando a renda nacional. Agora, contudo, é possível que esse fato não se concretize.

E os efeitos nefastos da seca não terminam aí. Com a falta de chuvas, o nível das represas que alimentam as hidrelétricas está baixo. E, embora as autoridades responsáveis pela distribuição de energia considerem que não há risco iminente de falta dela no auge da seca (agosto/setembro), precisamos torcer para chover no inverno mais do que o normal.

Por fim, há o tema do uso da água – tanto na cidade, como no campo –, sobretudo quanto à irrigação. Tomara que não falte água para ninguém, evitando-se, assim, o indesejável racionamento que tivemos anos atrás. ■

O clima fez um estrago considerável sobre a renda rural deste ano.